

UMAS CURTAS PALAVRAS

Existem na vida de todos nós pessoas que nos marcam para sempre. Umas, pela presença constante. Outras, pelas sementes que largam no nosso caminho.

As figuras femininas que mais influenciaram a minha vida de menina foram, sem sombra de dúvida, a minha avó materna e a minha Mãe. A elas devo uma boa parte daquilo que sou.

A ideia deste livro nasceu da constatação, cada vez maior, desta marca. Aqui não se vai contar como a minha Mãe me influenciou neste ou naquele campo. Ou como somos parecidas neste ou naquele gesto, no arranjo pessoal ou na forma como olhamos o mundo.

Neste livro conta-se, sobretudo, o modo como essa herança anímica se foi entranhando nesta filha e ganhando forma. Como se o modelo fosse o mesmo, mas as roupagens fossem diferentes.

Hoje, quando já vivi a maior parte do meu tempo, reconheço cada vez mais, em mim, as facetas dessas duas mulheres que me antecederam. Este livro é a minha forma de lhes dizer obrigada por tudo o que me ensinaram!

Helena Sacadura Cabral



*D*esde que me lembro de existir, aí pelos meus quatro anos, que a minha Mãe me ensinou a diferença entre ver e olhar e chamou a minha atenção para a importância deste último.

De facto, todos vemos o que nos rodeia. Todavia, nem todos olhamos do mesmo modo aquilo que nos cerca. Olhar é ver com o coração. Foi isso que ela me ensinou!

A olhar...

...sem ódio

Há gente que me é indiferente, há gente de quem não gosto, há gente que representa modelos que não aprecio. Mas não há gente que eu odeie, porque considero que o ódio é o sentimento mais devastador que existe.

Nas sociedades democráticas, existem meios próprios de regulação das relações pessoais. Porém, se passarmos a utilizá-los de maneira sistemática, estaremos não só a desvalorizá-los como, porventura, a caminhar para o fim da democracia e, até mesmo, a dar razão àqueles que pretendem acabar com ela. Porque o que dá mais força ao adversário é transformá-lo numa vítima.

Confesso que a sociedade que mais temo é a justicialista. Aquela em que não só os juízes comandam a nossa vida, mas aquela em que todos nós nos transformamos em juízes uns dos outros. Ou seja, uma sociedade em que existe a ditadura de uma classe que se considera iluminada. A qual, por

isso, se arroga direitos especiais e que, a seu tempo, irá preparar a ditadura do líder dessa mesma classe.

Confio no nosso bom senso, talvez porque, com a idade que tenho, já assisti a demasiados acontecimentos. E sei que o ódio e o rancor nunca resolveram os problemas de ninguém. Nem sequer os daqueles que deles se servem...



V

iver é uma arte. Que não depende de formas, volumes ou cores usadas isoladamente. Depende, sim, da capacidade que tenhamos de misturar todos estes ingredientes e de criarmos algo verdadeiramente harmónico.

A vida é, também, uma caminhada feita com pessoas muito diversas. É no respeito para com essa diversidade, na harmonização desses diferentes modos de viver, que seremos mais felizes. Foi esse desejo de harmonia que recebi da minha Mãe.

A harmonizar...

...optando pelo perdão

Na actualidade, fala-se pouco de perdão, não no sentido vulgar do termo, mas na perspectiva de que o «outro», aquele que nos magoa ou faz de nós vítimas, pode também ter sido, ele próprio, alguém que passou pelo mesmo.

Não se trata de «desculpabilizar», mas sim de tentar perceber que as feridas que muitas vezes nos infligem podem ter razões noutras que, por sua vez, foram provocadas aos nossos algozes.

E aqui reside, basicamente, a necessidade do perdão. Aos outros e, até, a nós próprios, nessa que é uma expressão de verdadeiro amor à vida.

Vivemos num mundo tenso em que quase tudo serve para agredir. Mesmo quando o alvo não é o mais acertado. Mas porque a catarse de que carecemos precisa de encontrar uma forma de se exprimir contra alguém. E é sempre mais fácil atingir esse alguém, o «outro», do que enfrentarmos a nós próprios.

Todavia, haverá sempre um dia em que esse confronto terá de realizar-se. Seja em que altura for da nossa vida, a necessidade de olharmos para dentro de nós e de nos perdoarmos acabará por se impor. E, quando isso acontecer, o que venhamos a sentir permitirá, então, não só perdoarmo-nos a nós próprios como, finalmente perdoarmos aos outros.



A escolha impõe sempre abdicar de algo que nos é caro. E ficar satisfeito por se ter sido capaz de distinguir o que, para nós, é mais conveniente, sem ficar a lamentar aquilo que se perdeu.

É a capacidade de fazer essa opção sem queixumes que caracteriza a maturidade e nos prepara para sermos quem somos. Aprendi isso com a minha Mãe!

A escolher...

...o amor da minha vida

Será que «o homem da nossa vida» é, sempre, «o amor da nossa vida»? Diria que, em muitos casos, não é.

O homem da nossa vida é uma espécie de *alter ego* de nós próprios, alguém por quem nos apaixonamos, com quem desejamos fundir-nos, que constitui, muitas vezes, o nosso complemento. Enfim, alguém que tenderá sempre a ocupar um lugar especial no nosso coração e que, mesmo quando a vida nos separa, acaba por manter subtilmente cativo um lugar especial. Mas é, também, com frequência, o pai dos nossos filhos e o homem que deseja transformar-nos no modelo de mulher idealizado e que tem, por norma, como referência, a própria mãe.

De modo diverso, o amor da nossa vida é aquele que nos aceita como somos, que não compete com outros amores que tivemos no passado, que nos ama como precisamos de ser amados, que disfruta das nossas diferenças e que, apreciando quem somos,

jamais pretende transformar-nos na tal mulher de que precisaria ou que gostaria que fôssemos.

Às vezes, leva muito tempo a compreender esta subtil diferença, porque o que é natural e romântico é desejar-se que o homem da nossa vida seja, também, o nosso grande amor.

Recentemente, falava com um amigo sobre esta dualidade e sobre os perigos que representa não nos apercebermos desta fina distinção.

A maioria de nós encontra muito cedo o homem da sua vida. Por norma, cedo de mais. E tende a considerar que é ele o seu grande amor. Nem sempre o é.

E, por norma, só nos apercebemos dessa distinção quando o perdemos — por viuvez ou divórcio — e, mais tarde, encontramos alguém que nos vai fazer encarar o amor de forma diferente. Só nessa altura percebemos a grande diferença que existe entre eles.

É claro que há gente feliz e para quem o homem e o amor da sua vida coincidem. Mas isso é ter a sorte grande que, como se sabe, não sai a todos. Muitos de nós ficam apenas pela terminação!



Depois de escolhermos o que queremos fazer da nossa vida, a ousadia é uma das armas mais eficazes para combater o medo que certas opções podem trazer consigo.

Saber ser ousado nas escolhas que se fazem é uma das formas mais impressionantes de liberdade a que o ser humano pode aspirar. Foi isso que a minha Mãe me ensinou!

Aousar...

...ser normal

Levamos anos e anos a julgar que já sabemos quase tudo e que pouco mais teremos para aprender. Nada pode ser menos verdadeiro.

Há dias, numa conversa entre amigos cujo tema era quem somos *versus* quem gostaríamos de ter sido, acabei por tomar consciência de um facto curioso e que se resume nesta frase: «Nunca pensei ser uma pessoa diferente daquela que sou.» Devem julgar-me tonta ao fazer esta afirmação, mas, se assim for, a idade talvez já me permita dizer disparates. Não serei a primeira...

Depois de ouvir tanta gente a desenrolar o rosário do que gostaria de ter sido e não foi, invocando as mais diversas razões para isso ter acontecido, quando chegou a minha vez, «estareci» o grupo com aquela afirmação que acabei de citar e que, garanto, era inteiramente verdadeira. Acredito que possa decorrer do facto de me «contentar» com pouco. Mas, se assim for, é porque a minha medida é essa e não outra.

Vivi tanto tempo rodeada de pessoas consideradas «acima do normal», de gente intelectualmente tão dotada e com carreiras tão bem-sucedidas que, quando pensava em mim, a comparação era, digamos, fatal.

Levei anos até conseguir apreender o lado bom da minha normalidade. Devo isso ao padre Abel Varzim e nunca será de mais relembrá-lo. Foi com ele que percebi o valor de ser uma pessoa comum. Mais tarde, outras pessoas haviam de ensinar-me o mesmo e ajudar-me, afinal, a gostar mais de mim, justamente por isso. E a perceber e aceitar que ser «genial» não é para todos e nem sequer será o mais importante da vida de qualquer de nós!



*D*e nada serve a inteligência ou o sucesso pessoal, se qualquer deles não for envolvido por esse manto de sensibilidade que nos distingue a todos.

Sentir é a inteligência da alma, a rota para estendermos os braços a quem deles mais precisa, nos momentos mais difíceis. A minha Mãe foi um bom exemplo desta forma de vida. Por isso, o seu abraço jamais me faltou!

A sentir...

...saudades

Há dias em que sinto saudades.

«De quê?», perguntarão. De um tempo lá muito para trás, em que eu era menina.

Não sou saudosista, tenho-o dito imensas vezes. O passado, bom ou mau, ficou arrumado e só muito raramente volta à superfície.

Mas uma tarde, ao passar junto de uma loja, um finíssimo odor a alfazema lembrou-me a casa dos meus avós maternos e a imensa ternura que sempre recebi deles. Era um espaço sem luxos, mas cheio de amor e de alegria.

No começo do Verão, as roupas eram postas a arejar e arrumadas de novo entre saquinhos de alfazema que as perfumavam até serem de novo usadas. E quando as camas eram feitas de lavado, aquele odor de campo enchia os nossos pulmões. Foi essa acalmia, essa bonomia de um tempo que apenas se desenrolava entre cheiros, risos e alegrias que, de repente, recordei.

Tenho alguma pena que essa forma de vida já não exista e que, ao contrário, a críspação e a agressão verbal sejam agora o nosso quotidiano.

Hoje, a voracidade da vida é tal que já nem sequer sabemos o que é esse supremo luxo a que se chama perder tempo... recordando outros tempos e sentindo saudades!



Ser é a maior ambição de qualquer de nós. Nomeadamente, ser gente que pensa, que ama, que é solidária, que sente, que ousa, que vive. Ser tudo isto é, acima de tudo, não se negar a si próprio e aos outros e ter a coragem de pagar o preço que percorrer este caminho, por vezes, impõe.

A minha Mãe ensinou-me que é isto que distingue o ser do existir!

A ser...

...senhora do meu destino

O meu Pai foi-o tardiamente. Tendo o dobro da idade da minha Mãe quando casou — dezassete anos, ela, e trinta e quatro, ele —, quando eu nasci, o matrimónio contava já sete anos e um filho, o meu irmão mais velho.

Talvez por isso, fui educada com o rigor do jurista, para quem as mulheres tinham tarefas bem definidas na sociedade de então e deviam possuir uma certa forma de cultura geral que as preparasse para o casamento e para a maternidade. Esta era, para ele, a base em que assentava a formação de uma jovem bem-educada.

Mas eu tinha outras ambições, a que, pese os sacrifícios, acabei por dar satisfatório cumprimento.

Há tempos, tentando fazer pesquisa sobre um tema que me interessava, encontrei citada uma frase de Eugénio de Andrade — «as palavras são como um cristal» — que remeteu a minha memória para o meu progenitor. Com efeito, sempre que as

minhas asas se abriam para dar corpo aos meus sonhos, ele, cauteloso, avisava: «A honra de uma mulher é como um cristal. Quando se lhe toca, ou fica manchada ou se parte. Nunca te esqueças.»

Não esqueci, de facto. Mas não cerceei a minha capacidade de sonhar, nem a vontade de escrever o meu destino.

Ambos, o meu Pai e o poeta, tinham, afinal, alguma razão. Mas os tempos e as vontades viriam a dar às suas frases uma outra dimensão. Hoje, a honra anda pelas ruas da amargura e as palavras pouco ou nada valem, já que são usadas como meras figuras de retórica, sem o conteúdo que, antes, lhes dava a grandeza.

Para mim, que faço das palavras a minha vida, elas constituem o meu maior tesouro, e, por isso, são usadas com todo o cuidado e carinho que merecem e de que sou capaz!



T

iver a vida é aceitar as adversidades é vencê-las, gozar a alegria, partilhar os prazeres, amar e ser amado, ter uma família que apreciamos, um trabalho de que gostamos e, por fim, poder partir, sabendo que se deixou, neste mundo, um grão de areia que será o chão onde as boas sementes frutificarão.

Foi isso que a minha Mãe fez e a marca que me deixou!

A viver...

... as dores e as alegrias

Tenho amigos que manifestam dificuldade em compreender uma regra de que já falei aqui, na qual fui educada, que pratico e que tem por base um lema muito simples: «consumir as dores e partilhar as alegrias». Uma parte destes amigos defende que a dor não deve ser vivida em solitário e, como a alegria, deve ser dividida.

A minha posição — cujo exercício está longe de ser fácil —, baseia-se num sentimento muito pessoal. Com efeito, aquilo que denomino de dor, é tão íntimo, tão profundo, que seria impossível reparti-lo com quem quer que fosse, mesmo tratando-se de um grande amigo. Talvez, no máximo, conseguisse fazê-lo com a minha Mãe, de quem sempre me considereei uma espécie de extensão. Jamais com amigos, por muito íntimos que estes pudessem ser.

Vejamos um exemplo. Perdi um filho. Alguém imagina que fosse possível dividir, falar, descrever,

chorar essa dor imensa com um amigo? Para alguém como eu, isso seria insuportável.

Essa mágoa, como tantas outras pelas quais já passei, precisaram de um enorme silêncio dentro de mim. Silêncio para aceitar, para suportar, para me não revoltar, enfim, para poder continuar a viver.

O luto que acompanha a perda — pode não ser uma morte, pode ser um divórcio, pode ser uma doença grave — impõe, por norma, percorrer um caminho de pedras, que, sendo o «nosso» caminho, tem de ser escolhido pelo próprio.

Acresce a tudo isto que existem «outras pessoas», que esperam, que precisam do exemplo da nossa fortaleza. Não para sermos tidos por heróis, mas porque uma parte da força deles reside na nossa própria força.

Ao contrário, quando partilhamos alegrias, contribuímos para a paz dos outros, para o seu bem-estar, para a sua pequena felicidade. Por isso sempre achei útil, para mim e para aqueles que me estimam, dividir com eles as minhas pequenas vitórias.

Nada disto impede que falemos daquilo que nos entristece, se essa conversa tiver alguma utilidade. Para nós e para quem nos ouve. Mas isso não é partilhar a dor..